

Friboi ameaça demitir 1.500 na Argentina por restrição à exportação

Alda do Amaral Rocha

A JBS, controladora do Friboi, ameaça demitir 1.500 pessoas em suas unidades da Argentina - onde emprega 4.500 - se o governo local insistir em manter as restrições às exportações de produtos processados de carne bovina. "Se o governo não liberar, não temos o que fazer. A partir de segunda-feira, suspenderemos a produção [de industrializados] e suspenderemos 1.500 empregos", afirmou Joesley Batista, presidente da empresa, durante apresentação dos resultados do primeiro trimestre, já prejudicados pelas restrições.

O governo argentino vem limitando as exportações de carne bovina in natura do país e também de produtos processados de carne numa tentativa de segurar a inflação e garantir o abastecimento doméstico. A medida fez as vendas da JBS a partir das unidades da Argentina recuarem 30% de janeiro a março deste ano e geraram uma redução de R\$ 37 milhões na receita líquida das operações no país.

Além da possibilidade de demitir para se adequar ao atual cenário, a JBS também pode deslocar mil funcionários para atuar na produção de carne in natura para o mercado doméstico argentino. A demanda por produtos industrializados seria atendida a partir de unidades no Brasil, informou.

Os números da JBS no primeiro trimestre - quando a empresa teve novo prejuízo - já refletem a situação na Argentina. Segundo Batista, no fim do período havia um estoque de US\$ 25 milhões de produtos industrializados e de US\$ 15 milhões em carne in natura que não foram exportados. Como não há cliente para o produto processado de carne no mercado argentino, a JBS ficou sem vender, carregou estoques e não tem mais onde colocar mercadorias, disse.

Nos primeiros três meses do ano a receita líquida da JBS alcançou R\$ 5,859 bilhões, alta de 439,4% em relação a igual período de 2007. O forte aumento se deveu às aquisições da Swift americana - hoje JBS USA - e da Inalca, na Itália, que ocorreram depois do primeiro trimestre do ano passado.

O EBITDA (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) no período foi de R\$ 176,8 milhões, alta de 12,8%. A margem EBITDA da empresa ficou em 3%; havia sido de 14,4% no primeiro trimestre de 2007 quando a Swift dos EUA e a Inalca ainda não haviam sido adquiridas. Na JBS USA, a margem foi de apenas 0,6% e a da Inalca, de 5,6%. Já a margem da JBS Mercosul - inclui Brasil e Argentina - caiu de 14,4% para 10,4% no período. Considerando só a operação argentina, a margem EBITDA caiu de 3,2% no quarto trimestre de 2007 para 6,1% negativos entre janeiro e março deste ano.

Além dos problemas na Argentina, o resultado da JBS Mercosul também foi afetado pelas restrições que a União Européia impôs à carne brasileira, alegando problemas na rastreabilidade dos animais. Houve ainda forte pressão de custos por conta da menor disponibilidade de gado bovino no Brasil, que reduziu os abates em 20%, disse o presidente da JBS. (ver matéria abaixo)

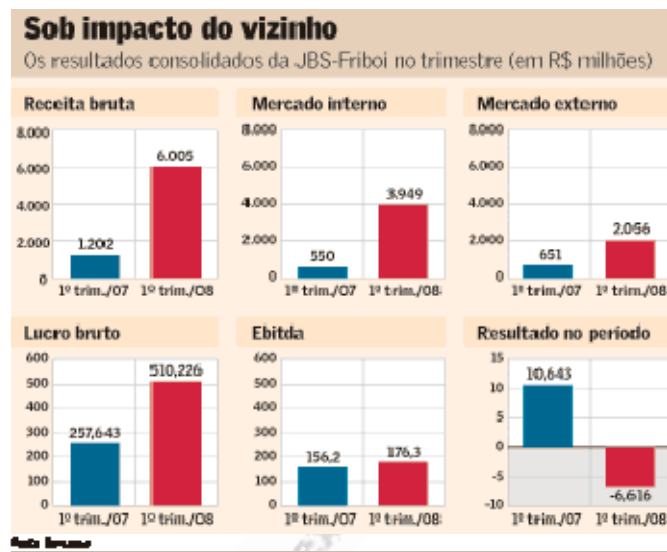
As operações dos EUA foram impactadas, segundo a JBS, pela perda de R\$ 281 milhões em função da desvalorização de 7% do dólar em relação ao real. Comparando com o quarto trimestre de 2007, houve queda de R\$ 350 milhões na receita devido ao menor período de comercialização. Além disso, a queda sazonal nas vendas após o período de festas nos EUA reduziu as vendas em R\$ 330 milhões.

"Operamos nos EUA de forma mais racional. Perdemos um pouco em faturamento, mas compensou financeiramente", observou.

Diante dos resultados na Argentina e Brasil, variação cambial e ágios com as aquisições, a JBS teve uma perda de R\$ 6,6 milhões no primeiro trimestre, ante um lucro de R\$ 10,6 milhões no mesmo período de 2007. No último trimestre de 2007, o prejuízo havia sido de R\$ 136,1 milhões.

Marcos Molina, presidente do Marfrig, que também tem unidade na Argentina, disse, em teleconferência que os resultados trimestrais poderiam ter sido melhores se o país não tivesse suas estradas paralisadas por protestos de ruralistas contra as medidas restritivas do governo às exportações agrícolas. "Perdemos 18 dias de março por causa da greve", lamentou. "Nossas vendas poderiam ter sido de 25% a 30% maiores." O diretor de relações com investidores do Marfrig, Ricardo Florence, acrescentou que "a situação na Argentina é preocupante na parte de exportações, mas não é nada que vá atrapalhar nossa estratégia".

Batista, do Friboi, porém, disse que as incertezas no país vizinho paralisam os investimentos "porque não sabemos o que vai acontecer". Afirmando ser "muito mais argentino do que muitos argentinos", por ter escolhido investir no país, ele disse que em dois anos a JBS colocou US\$ 300 milhões na Argentina, "mais do que o setor [do país] investiu nos últimos 10 anos". (Com Valor Online)



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 16, 17 e 18 maio 2008, Agronegócios, p. B12